



**DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANA PAULA TAVARES DA SILVA

O PODER PERSUASIVO DE LADY MACBETH

GUARABIRA – PB
2013

ANA PAULA TAVARES DA SILVA

O PODER PERSUASIVO DE LADY MACBETH

Artigo apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba, Campus III.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Sueli Meira Liebig

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S586p

Silva, Ana Paula Tavares da

O poder persuasivo de Lady Macbeth / Ana Paula Tavares da Silva. – Guarabira: UEPB, 2013.

11 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^a. Dr^a. Sueli Meira Liebig.

1. Literatura Inglesa 2. Lady Macbeth 3. Poder de Persuasão I. Título.

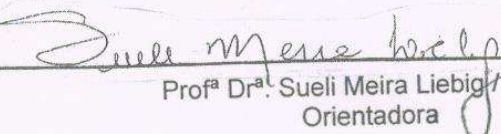
22.ed. CDD 823

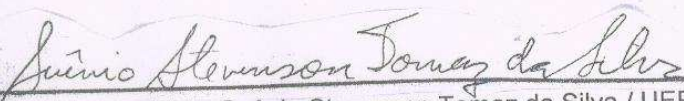
ANA PAULA TAVARES DA SILVA

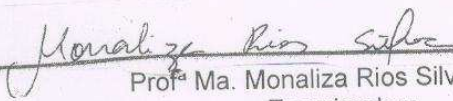
O PODER PERSUASIVO DE LADY MACBETH

COMISSÃO EXAMINADORA

Aprovada em 28/08/2013.


Profª Drª: Sueli Meira Liebig / UEPB
Orientadora


Prof. Me. Suênio Stevenson Tomaz da Silva / UEPB
Examinador


Profª Ma. Monaliza Rios Silva / UEPB
Examinadora

O PODER PERSUASIVO DE LADY MACBETH:

ANA PAULA TAVARES DA SILVA

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente a influência da mulher em uma tragédia de William Shakespeare, *Macbeth*. A pesquisa tem como alicerce um estudo bibliográfico, dando ênfase ao poder persuasivo implícito nas falas da personagem Lady Macbeth. Muitas das personagens de Shakespeare representam esse espírito renascentista: tanto as masculinas quanto as femininas se rebelam contra ideias e valores obsoletos, e se firmam na sua determinação de pensar e de agir de acordo com sua própria consciência individual. Nas obras de Shakespeare, nota-se um extraordinário conhecimento da condição humana, o que contribuiu para que retratasse homens e mulheres com igual arte e perspicácia, evidenciando a capacidade da personagem transcender aos limites de sua condição de mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Lady Macbeth, ambição, poder, persuasão.

INTRODUÇÃO

Dentre os dramaturgos da literatura ocidental, William Shakespeare é um dos autores cuja fortuna crítica se estabelece de forma ampla e variada. Segundo Jakob Burckhardt,(1921), é com a valorização do homem durante o Renascimento que o mundo, até então voltado para Deus, transfere seu centro de gravitação para o próprio homem, resultando no nascimento do indivíduo, que tende a formular e desenvolver seu próprio pensamento ao invés de deixar-se escravizar por princípios e conceitos pré-estabelecidos.

Este estudo se propõe a demonstrar como o desenrolar dos fatos trágicos é constituído, a partir da perspectiva da personagem Lady Macbeth. A peça é uma das obras mais lidas de Shakespeare e uma das mais polêmicas. Com essa afirmação, não queremos resumir a apenas isto uma das grandes obras deste autor. Antes, pretendemos trabalhar neste artigo o ponto de vista analítico da personagem Lady Macbeth, partindo da perspectiva de que esta personagem não se apresenta na

obra de forma frágil ou submissa. Podemos observar neste ponto o quão importante é a personagem: como mulher forte e decidida, ela se impõe diante dos obstáculos que surgem nos seus caminhos sem procurar saber o que deve seguir ou não, apenas com um único objetivo, o de conquistar o poder, ela apresenta-se com inquestionável autonomia.

O dramaturgo inglês apresenta em sua obra um conhecimento da natureza humana e esta representação é bem explorada nesta peça. Macbeth é um homem apaixonado que cai em tragédia por seu erro: o de amar demais sua esposa e planejar a morte de seu amigo e rei. Lady Macbeth, a princípio, apresenta-se como uma mulher exemplar, mas seu erro é persuadir seu esposo e sobrepôr suas vontades às circunstâncias que elas poderiam acarretar. A ambição, o assassinato, o ódio, a vingança e a culpa são características que compõem a natureza do ser humano. A partir desse ponto, iremos observar a personagem Lady Macbeth como Mulher em suas atitudes e seus erros humanos, os quais serão decisivos em sua vida, e como ela se sobressai diante desses impasses com autonomia e decisão. A ousadia de Lady Macbeth é eminente; ela questiona o desejo do esposo, priorizando seu desejo pessoal em detrimento da vida social, sem pensar nas consequências que este ato poderia acarretar.

Lady Macbeth é, conforme esperamos mostrar, uma personagem forte, com capacidade suficiente de manipular as pessoas a sua volta de uma forma sutil e astuta, fazendo com que todos realizem seus planos, incluindo o próprio Macbeth. Mais ainda, observamos que Lady Macbeth é uma das principais responsáveis pela concretização da tragédia. Isto se justifica devido ao fato de ser Lady Macbeth quem arquiteta o plano para matar o rei Duncan, para que Macbeth possa tomar seu lugar, principalmente após saber que certas bruxas fizeram previsões a respeito do futuro promissor do seu esposo.

1 LINGUAGEM E PERSUASÃO

Segundo Zandwais (1990), a linguagem é um ato social fundamental ao ser humano, pois proporciona a interação de uma pessoa com outra, muitas vezes, através da conversação. E nesta conversa, interlocutores compartilham informações, que podem ser explícitas ou implícitas.

Essa capacidade de poder interagir de forma verbal pela linguagem, permite ao homem usufruir do poder de persuasão. Levando em consideração esse aspecto da comunicação humana, este artigo pretende desenvolver um estudo analítico das falas e, conseqüentemente, o poder das palavras de Lady Macbeth, personagem da tragédia shakespeariana, *Macbeth*.

Segundo o Dicionário Aurélio Ferreira (2001), a persuasão é definida como “ato ou efeito de persuadir, levar a crer ou a convencer a algo”. Tal ato está atrelado ao poder que as palavras exercem dentro do discurso em determinadas situações. Podemos acrescentar que a persuasão é um recurso imanente à linguagem e à comunicação humana. Assim sendo, tal recurso influencia as várias esferas da sociedade onde se faz necessária a comunicação. Para citar alguns exemplos, mencionaremos os discursos de políticos, religiosos, educadores, vendedores, membros da justiça entre outros, que precisam de bons argumentos dentro de seus contextos, com o intuito de influenciar seus interlocutores acerca de uma determinada questão.

Dentro dos processos persuasivos, não poderíamos deixar de mencionar os recursos retóricos, que acompanham a humanidade desde a Grécia Antiga, e estão presentes nos vários tipos de discurso, sobretudo, nos literários. Neste artigo, portanto, discorreremos sobre tais aspectos, analisando a tragédia de William Shakespeare, considerado o dramaturgo mais representativo da literatura universal e exaltado pela crítica, principalmente, pela sabedoria com o uso da linguagem.

Segundo Gregório (2005), a palavra persuasão vem de “persuadere”, “per + suadere”. O prefixo “per” significa de modo completo. “Suadere”, por sua vez, equivale a aconselhar (não impor). É o emprego de argumentos, legítimos e não legítimos, com o propósito de se conseguir que outros indivíduos adotem certas linhas de conduta, teorias ou crenças.

As mensagens enviadas para o receptor podem causar efeitos ou atingir outros receptores não pretendidos, aqueles que de certa forma são afetados inocentemente, formando assim um conjunto de efeitos persuasivos, caracterizados de signos, atribuindo significados através de sinais, envolvendo determinadas escolhas, opções. Podemos ressaltar, ainda, que a persuasão só acontece quando o receptor analisa e escolhe uma alternativa, que logo atribuirá um significado à mensagem e perceberá a meta que o transmissor deseja alcançar.

Para melhor compreendermos o assunto, voltemos à Antiguidade Clássica,

berço dos grandes oradores e precursores da Arte Retórica. A arte retórica não se caracterizava como persuasão e sim como uma retórica analítica, espécie de código abarcando todas as formas discursivas, constituindo um dos traços fundamentais e distintivos do grego. O termo grego *retoriké* é afim aos termos *retor* (orador) e *retoreia* (discurso público, eloquência) e significa tanto a arte oratória como a disciplina que trata dessa arte.

Para Gonçalves Bellodi (2005), a Arte Retórica é destaque como uma das obras de Aristóteles (1992), o qual define a retórica como uma faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso pode ser capaz de gerar a persuasão.

As figuras do discurso ou de linguagem existem para embelezar, decorar as formas de falar ou escrever, além de criar códigos que tornem a comunicação com características persuasivas em algumas situações nos ajudando na comunicação mais eficiente com o nosso público, provocando admiração pela eloquência do falante ou do escritor.

Como diz Citelli (2002), os recursos retóricos se encarregam de dotar os discursos de mecanismos persuasivos: o eufemismo, a hipérbole, a metáfora, por exemplo, permitem que projetos de dominação de que muitas vezes não suspeitamos possam esconder-se por trás das figuras de linguagem, recursos estes que prendem a atenção do receptor naqueles argumentos articulados pelo discurso. Enfatizaremos uma delas em nossa análise, a ironia, figura essa que consiste em dizer algo para significar o oposto. Ao usá-la, nós transmitimos uma mensagem de tal maneira ou em tal contexto que evocamos uma resposta que envolve uma reinterpretação de nosso significado. Nós podemos suspeitar da presença de ironia em uma peça ou um episódio dramático quando eles apresentam contradições, ambiguidades, falas enganosas, absurdos e reversões.

Poderíamos dizer que os recursos retóricos adicionam certo tempero para escrever e falar. O falante eloquente, por exemplo, faz uso de tal tempero em sua arte oratória, para manipular o seu público de forma inteligente, produzindo assim o efeito desejado.

O poder da palavra está ligado a submeter, reduzir à obediência determinada pessoa ou grupo; quem expõe a mensagem, possui uma linguagem autoritária capaz de impor a verdade levando o outro à aceitação de certa ideia. Isso faz parte da linguagem persuasiva: convencer de modo astuto ou não, o receptor a aceitar o discurso como autêntico ou sincero.

Segundo Fontana (2010), o discurso argumentativo abrange todas as modalidades possíveis de persuasão e estaria relacionado com a aceitabilidade e verossimilhança das conclusões defendidas, assim o orador que pretende agir através do discurso, deve adaptar-se ao seu público, pois é através dele que se obtém o convencimento, ou seja, o autor quer nos mostrar que existe diferença entre argumento que para ser convincente seria, então, aquele que pode ser mundial, e dessa forma, passível de ser aceito por todos e na linguagem persuasiva, na aceitabilidade dos argumentos: se restrita a um auditório particular, trata-se de persuasão.

Ele também nos apresenta modalidades discursivas organizacionais como, a relação entre os interlocutores, crescendo o poder persuasivo, podendo ser encontrado em situações diversas como discussão entre amigos, edições de jornais e até mesmo na sala de aula; o discurso lúdico, que contém uma menor linguagem persuasiva, caracterizando-se como uma forma mais aberta, deixando de lado o *eu*, e envolve uma dinâmica com o público com menos desejo de convencer; e por fim o discurso autoritário que se denomina numa linguagem totalmente persuasiva, que envolve elementos argumentativos e nos mostra exemplos de como podemos encontrar discursos autoritários:

O discurso autoritário é encontrável, de forma mais ou menos mascarada, na família: o pai que manda, sob a máscara do conselho; na igreja: o padre que ameaça sob a guarda de Deus; no quartel: o grito que visa a preservar a ordem e a hierarquia; na comunicação de massa: o chamado publicitário que tem por objetivo racionalizar o consumo; há ainda longos eteceteras a serem percorridos (CITELLI, 2002 p. 40).

Diante de tais procedimentos vistos, observamos que a persuasão, sendo um recurso da linguagem, é bem utilizada pela personagem analisada a seguir, como também na sociedade atual como uma linguagem autoritária, com palavras estimulantes que transmitem uma mensagem com segurança.

2. A PERSONAGEM LADY MACBETH, DE SHAKESPEARE

As personagens de Shakespeare oscilam entre as vontades e o destino, onde a ação é limitada pela consciência, ou seja, quando os personagens tomam conta de

sua consciência passa a prevalecer uma falta de ação. Talvez, seja esse o propósito do final catastrófico de Macbeth, em que ele se depara com a perda de seus amigos e de sua esposa. Final trágico esse que sugere a hora de cessar a ambição de ser o rei, pois fora cumprido o que as bruxas haviam previsto.

Macbeth causa impacto, curiosidade, sofrimento em seus expectadores, não porque a peça é triste, mas sim pelas ações, atitudes que culminam na tragédia, que é característico da tragédia, mas como Shakespeare passou esse sentimento para seus expectadores? Se focarmos na personagem Lady Macbeth, teremos uma visão de como ele trabalha o texto utilizando-se da ironia. Vemos uma mulher que se apresenta de forma dócil, mas que em pouco tempo se revela ser uma mulher capaz de raciocinar e decidir sozinha o que realmente acha ser o certo, ironizando a visão de mulher que se tinha naquela época e ao mesmo tempo se mostra decidida do que quer. Mostrando seu lado carinhoso, Lady Macbeth se apresenta bastante resoluto do que quer e traz nos seus atos uma força de vontade que não é comum ao seu tempo: mesmo quando lhe é imposta qualquer decisão a qual deve acatar, ela faz valer suas vontades.

Levando-se em conta o ano em que acontece a trama, a personagem Lady Macbeth se destaca como grande mentora de todo o desenrolar da peça, talvez para demonstrar a falsa fragilidade das mulheres de sua época, mas levando em conta que cabe a Macbeth as consequências das vinganças, reforçando o caráter pedagógico da tragédia que seria uma moral ou uma lição de ética para o expectador, cujo final apontasse para um possível ensinamento.

3. LADY MACBETH E SEU PODER PERSUASIVO

Lady Macbeth, mulher ambiciosa e má, urde para que o marido e ela própria atinjam as maiores alturas, pouco se importando com os meios utilizados para a obtenção de seus desejos. Assim, passa a incitar o relutante espírito de Macbeth, que se apiedava ao pensar em sangue, e sem cessar aponta-lhe o assassinato do Rei como um passo absolutamente necessário ao cumprimento da envaidecedora profecia.

A personagem possui a arte de encobrir propósitos traiçoeiros com sorrisos, e desse modo, se apresenta como uma mulher inocente, quando na verdade é como uma serpente oculta sob a flor. Não teria ela empreendido um feito tão em desacordo com o seu sexo, se não se arrecesse da natureza do marido, muito cheio do leite da bondade humana para executar um assassinio premeditado.

Lady Macbeth convence-o da necessidade do crime, mas duvida da firmeza de sua resolução e teme que a natural brandura de sua índole se interponha e lhe frustrasse o intento. Com uma adaga em mãos tenta matá-lo, mas lembra-se do pai e não tem coragem para agir. Não sendo mulher facilmente abalável em seus maus propósitos, derrama-lhe nos ouvidos palavras que lhe infundem no espírito uma parte do dela, apontando as razões pelas quais não deve desistir do plano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, tentamos mostrar como William Shakespeare mostrava detalhes minuciosos, com um tom até irônico, detalhes esses que passam despercebidos quando fazemos uma leitura superficial, mas que aparecem com exatidão quando os exploramos em suas grandes obras.

As características que encontramos em Lady Macbeth formam um pensamento de ambição pelo poder e calculista, agindo de forma a trazer benefícios pessoais para o casal. Macbeth, apresenta-se como um seguidor cego de amor e iludido pelas palavras de sua esposa que o induzem a realizar seus desejos e as consequências disto emergem a todo o momento durante a tragédia. Essas características são bem visualizadas a partir do momento em que Macbeth passa a pensar como Lady Macbeth, e deixa de lado a imagem de um soldado admirado pela sociedade. Ambição, ódio e culpa são os sentimentos mais enfatizados por Shakespeare nesse momento, que manipulam o personagem de Macbeth em seu plano.

O sentimento de Macbeth com a morte do rei Duncan e as consequências de seu ato, fazem-nos perceber como lady Macbeth foi capaz de expor sua autonomia e personalidade forte, através das palavras usadas para persuadir seu esposo; nós sentimos toda a sua dúvida, nervosismo e angústia.

Mesmo diante de tantos atropelos, Shakespeare nos faz entender como seu pensamento seria considerado inovador diante da sociedade em que ele vivia, tanto com Lady Macbeth como com os outros personagens. Sentimentos que sempre existirão e que William Shakespeare explorou muito bem em obras como esta; pensar na personagem Lady Macbeth como uma mulher respeitada, educada e submissa é o mais comum, mas o que existe a partir dos sentimentos humanos é a imperfeição e foi diante dessa imperfeição humana que Lady Macbeth se mostrou de verdade dentro da obra, colocando-se como âncora e por isso cometendo erros.

ABSTRACT

The present study has as its aim to analyze critically the influence of the woman in one of William Shakespeare's tragedies, *Macbeth*. The research has as its basis a bibliographical study, giving emphasis to the persuasive power implicit in the discourses of Lady Macbeth. Many of Shakespeare's characters represent this renaissance spirit: male and female characters alike, rebel against past ideas and values, posing their determination to think and act in accordance to his/her individual consciousness. Then we will perceive his extraordinary knowledge of the human condition, what made him frame fictitious men and women with the same art and perspicacity, highlighting the character's capacity to transcend the boundaries of her subaltern condition of woman.

KEY WORDS: woman; ambition; power; persuasion.

REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Poética, 1992.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Ática, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, *Mini Aurélio*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. *Persuasão e Retórica*. Disponível em <http://www.ceismael.com.br/oratória035.htm>, 2005.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Trad. Bárbara Heliodora. Ed. Bilíngue. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

ZANDWAIS, Ana. *Estratégias de leitura: como decifrar sentidos não literais na linguagem verbal*. Porto Alegre: Sagra, 1990.